

CADERNOS 30

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Clássicos greco-latinos traduzidos por mulheres no Brasil

Se a virtude pode ser ensinada, de Plutarco: tradução e comentário

Maria Aparecida de Oliveira Silva¹

Resumo: Esta é a primeira tradução em língua portuguesa no Brasil do brevíssimo tratado plutarquiano intitulado *Se a virtude pode ser ensinada*. Notamos que os conceitos citados por Plutarco encontram paralelo no pensamento platônico, em especial no diálogo *Mênون*. Nesse tratado, Plutarco reflete sobre a importância do ensino e do aprendizado da virtude. Sob essa perspectiva, Plutarco coloca em discussão se é possível ensinar a prudência, a justiça e o bem viver (439A) do mesmo modo que é feito no aprendizado dos ofícios e das demais artes (439B).

Palavras-chave: Plutarco; virtude; neoplatonismo; educação antiga.

Abstract: This is the first Portuguese translation in Brazil of the very brief Plutarchan treatise titled *Whether Virtue Can Be Taught*. We note that the concepts cited by Plutarch parallel Platonic thought, especially in the *Meno* dialogue. In this treatise, Plutarch reflects on the importance of teaching and learning virtue. From this perspective, Plutarch discusses whether it is possible to teach prudence, justice and good living (439A) in the same way as is done in the learning of crafts and other arts (439B).

Keywords: Plutarch; virtue; neoplatonism; ancient education.

¹ Professora colaboradora e líder do Grupo CNPq LABHAM/UFPI. Pesquisadora do Grupo Heródoto -UNIFESP e do Taphos – MAE/USP. Pesquisadora do Grupo CNPq Linceu – Unesp/Araraquara e do Grupo Retórica da Universidad de Cádiz. Tradutora de Plutarco e Heródoto.

Introdução

Plutarco escreveu o tratado *Se a virtude pode ser ensinada* (*Ei διδακτὸν ἡ ἀρετή*) por volta de 115 a 120 d.C., período em que, segundo Jones (1966, p. 61), grande parte de sua vasta obra foi concebida. Em diversos tratados, o autor aborda o tema da virtude sob diferentes perspectivas², e neles conclui que o aprendizado da virtude é essencial para a formação do caráter. Então, busca responder à seguinte questão: é possível ensinar a prudência, a justiça e o bem viver? (*Se a virtude pode ser ensinada*, 439A). Desse modo, ele expressa três traços de caráter que entendem serem constitutivos da virtude: o ser prudente, justo e hábil no bem viver.

A pergunta proposta por Plutarco remete-nos à feita por Sócrates no início do diálogo *Ménon*, conforme lemos a seguir:

{MEN.} Ἐχεις μοι εἰπεῖν, ὃ Σώκρατες, ἄρα διδακτὸν ἡ ἀρετή; ἢ οὐ διδακτὸν ἀλλ’ ἀσκητόν; ἢ οὐτε ἀσκητόν οὐτε μαθητόν, ἀλλὰ φύσει παραγίγνεται τοῖς ἀνθρώποις ἡ ἀλλωφ τινὶ τρόπῳ;

{Mên.} Sabes me dizer, Sócrates, a virtude pode ser ensinada? Ou não pode ser ensinada, mas praticada? Ou nem praticada nem aprendida, mas, por natureza cabe à sorte aos homens ou por algum outro modo? (PLATÃO, *Ménon*, 70a.1-4).³

Vemos que a inquietação socrática tocou o pensamento de Plutarco e o levou a compor um breve ensaio cuja questão basilar é responder se a virtude pode ser ensinada, assim como se ensina um ofício ou uma arte. Em estilo socrático, Plutarco elabora perguntas ao seu leitor/ouvinte⁴:

Os homens aprendem a tocar um instrumento, a dançar, a ler as letras, a trabalhar a terra e a cavalgar; e o que é impressionante? Eles aprendem a calçar-se e a vestir-se, e lhes ensinam como servir o vinho e a preparar seu alimento; não é possível fazer isso proveitosamente sem aprendizado, por

2 Como aponta Opsomer (2011, p. 164), a concepção plutarquiana de virtude aproxima-se da proposta de Platão, ou seja, uma virtude prática, voltada para as ações, não somente para a reflexão ou contemplação.

3 Doravante, as traduções citadas são de nossa autoria.

4 Consideramos que Plutarco utilizava seus escritos morais para lecionar Retórica e Filosofia para gregos e romanos de Roma e do sul da Itália. Desse modo, os tratados morais plutarquianos eram ouvidos em suas leituras e lidos por outros que podiam comprar seus manuscritos por meio dos copistas que havia no Império Romano.

causa dele existe tudo isso, que é o bem viver; mas isso é possível sem aprendizado, sem razão nem habilidade, de modo espontâneo? (PLUTARCO. *Se a virtude pode ser ensinada*, 439B-C).

Plutarco observa que, em diversas áreas da vida, desde a música até a agricultura, os cidadãos são educados por mestres que lhes transmitem conhecimentos e habilidades. No entanto, quando se trata da formação da virtude, parece haver uma ausência de mestres ou métodos eficazes. O autor expressa surpresa e frustração ao avaliar que, enquanto artesãos⁵, músicos e agricultores produzem trabalhos incontáveis e refinados, a cidade falha em produzir cidadãos de caráter irrepreensível e vida virtuosa (PLUTARCO. *Se a virtude pode ser ensinada*, 439A-B). A divisão proposta por Plutarco mostra sua percepção de que as atividades manuais se desenvolvem pela ação através da imitação, enquanto as atividades de comando operam melhor com a educação de seus comandantes⁶. Embora a natureza possa ocasionalmente produzir algo belo por si mesma, este frequentemente se obscurece ou se corrompe por elementos alheios⁷; como exemplo, Plutarco constrói um símile entre a pureza da virtude e um grão puro misturado a plantas selvagens e impuras (439B).

Se a virtude, tão essencial ao bem viver, pode ser cultivada por meio de aprendizado e prática, ou se é algo que surge espontaneamente e sem a necessidade de uma educação específica, é uma questão fundamental, uma vez que, se reconhecemos que a virtude pode ser ensinada, atestamos sua existência. Platão é citado para ilustrar que não são pequenos erros ou discordâncias que causam conflitos entre irmãos, amigos ou cidades, mas sim a ausência de virtude. Desconhecer o manejo de instrumentos musicais ou ferramentas não causa grande dano, porém, sem o devido aprendizado, a capacidade de administração de um cidadão é prejudicada, o que acarreta desastres privados e públicos (PLUTARCO. *Se a virtude pode ser ensinada*, 439B-C).

5 Frazier (2011, p. 316) reflete sobre a mimesis do artesão e a moral dos aristocratas em Plutarco. A autora identifica sua relação com a ideia platônica de que os artesãos praticam uma mimesis inferior, pois a mimesis superior é a destinada aos seus leitores/ouvintes, por ser uma mimesis moral.

6 A educação era privilégio da aristocracia na Antiguidade. Na biografia de Demóstenes, por exemplo, Plutarco conta que o orador ateniense perdeu o pai aos sete anos e foi criado por tutores que dilapidaram os seus bens. Em razão disso, Demóstenes não recebera a educação que cabia a um aristocrata. (*Vida de Demóstenes*, 4.2-3).

7 Xenophontos (2012, p. 164) utiliza o exemplo de Fábio Máximo, que é comparado a Péricles nas *Vidas paralelas*, para demonstrar que Plutarco constrói um modelo ideal de general pautado na moral, uma vez que a vitória no campo de batalha não acontece por causa da habilidade estratégica de seu biografado, mas sim por sua virtude, nas escolhas que seu arcabouço ético o levou a tomar.

Plutarco critica quem considera a virtude algo espontâneo, que prescinde de aprendizado. Anedotas sobre Diógenes e Aristipo são usadas para destacar a importância de ensinar desde cedo como se comportar corretamente em sociedade. Sobre o uso das anedotas envolvendo filósofos, Russell (1968, p. 144) afirma que são expedientes da arte retórica constantemente utilizados nos tratados plutarquianos e que têm como finalidade sustentar seu argumento. Diógenes, por exemplo, puniu o pedagogo de um menino por não lhe ensinar boas maneiras à mesa, pois a responsabilidade pelo comportamento inadequado do menino reside na falta de uma educação apropriada (PLUTARCO. *Se a virtude pode ser ensinada*, 439D-E). Já Aristipo, ao ser questionado sobre sua constante presença em diferentes lugares, ironiza sobre a necessidade de receber-se orientação correta, enfatizando que, sem aprendizado, até mesmo as tarefas mais básicas, como viajar de barco, podem levar alguém à ruína (439F).

O autor argumenta que, assim como as artes militares exigem treinamento rigoroso, a virtude também necessita de orientação adequada. A menção a Ifigrates e sua conversa com Cálias ilustram a irracionalidade de considerar a estratégia militar como algo que pode ser aprendido, enquanto a prudência é deixada ao acaso (PLUTARCO. *Se a virtude pode ser ensinada*, 440B). Portanto, a virtude é essencial para o bom funcionamento de todas as artes e ofícios. Sem a prudência, que é guia e ornamento de todas as virtudes, qualquer habilidade perde sua utilidade e eficácia. A verdadeira educação deve começar na infância, moldando tanto o corpo quanto o caráter das crianças, assim como as amas de leite moldam seus corpos. Um exemplo disso é a resposta de um lacônio sobre os benefícios dos pedagogos, afirmindo que eles fazem coisas belas e prazerosas às crianças, indicando que a educação deve ser agradável e benéfica desde cedo (PLUTARCO. *Se a virtude pode ser ensinada*, 439F).

Da tradução

O texto grego que serviu de referência à presente tradução foi editado por Max Pohlenz no terceiro volume de *Plutarchi Moralia*, em Leipzig, e reimpresso pela Teubner em 1972 com o título *An virtus doceri possit* nas páginas 123–127. Dada a brevidade do tratado, alguns estudiosos levantam a hipótese de que o texto esteja incompleto. Porém, entendemos que o texto segue o aspecto aporético do diálogo platônico no qual claramente se inspira: *Mênon*. É interessante perceber que a preocupação plutarquiana com quem está preparado para ensinar a virtu-

de é a mesma expressa por Platão em seu diálogo *Mênon*, que, por sua natureza aporética, não traz a resposta para essa questão. Nesse sentido, Plutarco segue seu mestre, coloca a questão, suscita reflexões, mas não oferece uma resposta conclusiva. Roskam (2011, p. 209) chama a atenção para o fato de Plutarco destacar o choque entre ideais filosóficos e pragmatismo político, que as *Vidas* de Plutarco são geralmente caracterizadas por uma abordagem problematizadora que mostra um interesse notável em dilemas éticos, mas que prefere levantar questões a respondê-las, bem ao estilo platônico.

A tradução do texto seguiu a sintaxe grega na medida em que a versão em língua portuguesa se torna inteligível e fluente. Já as passagens cuja compreensão literal do grego se fazem ininteligíveis e de difícil compreensão ora receberam notas explicativas ora foram aproximadas ao nosso código linguístico com expressões conhecidas em nosso tempo. Os conceitos relacionados com a educação grega, ou à *paideia*, seguem os utilizados por Platão, uma vez que Plutarco retoma o diálogo estabelecido por Sócrates para discuti-lo com base nas inquietações de seu tempo.

EI ΔΙΔΑΚΤΟΝ Η APETH

SE A VIRTUDE PODE SER ENSINADA

1

439A Περὶ τῆς ἀρετῆς βουλευόμεθα **439A** Sobre a virtude, deliberamos e levantamos discussões, se é possível ensinar a φρονεῖν τὸ δικαιοπραγεῖν τὸ εὖ ζῆν: ésta prudência, a prática da justiça e o bem viver⁸; θαυμάζομεν, εἰ ρήτορων μὲν ἔργα καὶ depois, ficamos admirados que as obras dos κυβερνητῶν καὶ ἀρμονικῶν καὶ οἰκοδόμων oradores, timoneiros, músicos, arquitetos e καὶ γεωργῶν μυρί' ἔστιν, camponeses são incontáveis,

1

8 No parágrafo 439C, Plutarco grafia τὸ εὖ βιοῦν (*tò eù bioún*), enquanto neste escreve τὸ εὖ ζῆν (*tò eù zén*), que traduzimos por “o bem viver”. De acordo com Chantraine (*s.v.*, 1968), o verbo ζῆν (*zén*) significa “ser vivente”, o que nos leva a pensar no ser humano como um animal da natureza, como uma cria dela. Já o verbo βιώναι (*bionai*) significa “viver desta ou daquela maneira, passar sua vida”, o que nos faz refletir sobre o modo de vida do ser humano, embora Chantraine chame a atenção para o fato do substantivo βίος (*bios*) poder ser traduzido por “maneira de viver” ou “modo de vida” e, algumas vezes, aparecer relacionado também aos animais em geral. Em outro tratado, Plutarco critica o filósofo que não se interessa por medicina, pela saúde física do corpo, conforme lemos a seguir: “Pois é um filósofo por

439B ἀγαθοὶ δ' ἄνδρες ὄνομάζονται καὶ **439B** enquanto os homens nobres se λέγονται μόνον, ώς ίπποκένταυροι καὶ nomeiam e se chamam somente de Centígiantes e cíclipes, ἔργον δ' ἀμεμφὲς tauros⁹, Gigantes¹⁰ e Ciclopes¹¹. Mas uma εἰς ἀρέτην καὶ ἀκέραιον οὐκ ἔστιν εὑρεῖν obra irrevistável, voltada para a virtude e a οὐδὲ πάθους ἀκέραιον ἥθος οὐδὲ ἄθικτον pureza, não é possível encontrar, nem mesmo αἰσχροῦ βίον, ἀλλ' εἰ καί τι καλὸν ἡ φύσις um caráter sem mescla da paixão, nem uma αὐτομάτως ἐκφέρει, τοῦτο πολλῷ τῷ vida sem o toque do mal. Mas se, de fato, a ἀλλοτρίῳ, καθάπερ ὅλῃ καρπὸς ἀγρίᾳ natureza produz por si mesma algo belo, este καὶ ἀκαθάρτῳ μιγνύμενος, ἔξαμανροῦται; se torna obscuro com algo que lhe é muito ψάλλειν μανθάνουσιν οἱ ἄνθρωποι καὶ alheio, como um grão que se mistura com ὄρχεῖσθαι καὶ ἀναγινώσκειν γράμματα uma planta selvagem e impura?¹² Os homens καὶ γεωργεῖν καὶ ιππεύειν καὶ τί δεινόν; aprendem a tocar um instrumento, a dançar,

natureza e não suportas um filósofo que não é um médico amador, também te irritas se pensa que a ele convém observar a geometria, a dialética e a música, porque deseja investigar e aprender *o que há de mal e bom na morada** que é o seu corpo". (Φιλόσοφος γάρ εἴ τὴν φύσιν, ὁ Μοσχίων, καὶ τῷ μὴ φιλιατροῦντι χαλεπάνεις φιλοσόφῳ, καὶ ἀγανακτεῖς εἰ μᾶλλον αὐτὸν οἴεται προσήκειν γεωμετρίας καὶ διαλεκτικῆς καὶ μουσικῆς ὄρασθαι μεταποιούμενον ἡ ζητεῖν καὶ μανθάνειν βουλόμενον ὅτι τοι ἐν μεγάροισι κακόν τ' ἀγαθόν τε τέτυκται τῷ σώματι.) (*Preceitos de saúde*, 122D). *(Homero, *Odisseia*, IV.92).

9 Os Centauros eram seres meio homem e meio cavalo, com quatro patas de cavalo e dois braços humanos, que comiam carne crua e viviam nas florestas da Tessália. Dentre eles, dois destacavam-se: Quíron e Folo, por serem hospitaleiros, amigos dos homens e não violentos; portanto, é a eles que se referem os que se nomeiam como Centauros. O mais célebre de todos, Quíron era imortal por ser filho de Crono e de Filira, uma Oceanida, e tinha essa forma porque Crono metamorfoseou-se em cavalo para engendrá-la; era o mais famoso também por sua sabedoria, figurava em algumas listas dos Sete Sábios da Grécia antiga e foi responsável pela educação de Aquiles, o grande herói homérico.

10 Seres gerados a partir do sangue escorrido da mutilação causada por Crono em Urano, que os engendrou nas entranhas de Geia. Os Gigantes foram gerados para vingar a morte dos Titãs, que Zeus aprisionara no Tártaro, e cada um deles recebera atributos semelhantes aos dos Deuses Olímpicos para enfrentá-los com as mesmas capacidades. O combate contra os Gigantes, vencido por deuses e heróis, é conhecido por Gigantomáquia.

11 Filhos de Urano e de Geia, irmãos dos Gigantes, pertencem à primeira geração divina. Distinguem-se por terem um só olho no meio da testa, extrema força e habilidade manual. Foram eles que deram o raio, o trovão e o relâmpago para Zeus, como agradecimento por sua libertação do Tártaro; também o elmo invisível a Hades e o tridente a Posídon, sendo que estes presentes possibilitaram a vitória dos deuses contra os Titãs.

12 Em outro tratado, Plutarco repete a ideia da mistura do puro com o selvagem e escreve: "Pois, penso, tais como tantas sementes selvagens, por haver semelhança em seu aspecto e tamanho, estão misturadas com o trigo, há dificuldade em fazer a separação (pois ou não caem pela estreiteza dos seus furos, ou caem juntos pelos furos mais largos), assim a bajulação, porque se mistura com todo tipo de sentimento, todo tipo de movimentação, também de necessidade e hábito da amizade, é difícil de ser distinguida" (*Como distinguir o bajulador do amigo*, 51A). Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2016).

νύποδεῖσθαι μανθάνουσι περιβάλλεσθαι, a ler as letras, a trabalhar a terra e a cavalgar; οίνοχοεῖν διδάσκουσιν ὄψοποιεῖν·

e o que é impressionante? Eles aprendem a calçar-se e a vestir-se, e lhes ensinam como servir o vinho e a preparar seu alimento;

439C ταῦτ' ἄνευ τοῦ μαθεῖν οὐκ ἔστι χρησíμως ποιεῖν, δι' ὃ δὲ ταῦτα πάντα, τὸ εὖ βιοῦν, ἀδίδακτον καὶ ἄλογον καὶ ἄτεχνον καὶ αὐτόματον;

439C não é possível fazer isso proveitosamente sem aprendizado, é por causa dele que existe tudo isso, que é o bem viver; mas isso é possível sem aprendizado, sem razão nem habilidade, de modo espontâneo?

2

Ὥ οὐνθρωποι, τί τὴν ἀρετὴν λέγοντες Homens, por que, ao afirmarmos que a vir- ἀδίδακτον εἶναι ποιοῦμεν ἀνύπαρκτον; tude não pode ser ensinada, nós a tornamos εἰ γὰρ ή μάθησις γένεσίς ἔστιν, ή τοῦ inexistente? Pois se o aprendizado é a origem μαθεῖν κώλυσις ἀνάρεσις. καίτοι γ', ὡς dela, a interdição do aprendizado é a sua φησιν ὁ Πλάτων, διὰ τὴν τοῦ ποδὸς πρὸς destruição. Contudo, como afirma Platão¹³, τὴν λύραν ἀμετρίαν καὶ ἀναρμοστίαν não é pela dissimetria e a desarmonia do οὗτ' ἀδελφὸς ἀδελφῷ πολεμεῖ οὔτε φύλος pé na lira que irmão guerreia com irmão, φίλῳ διαφέρεται οὔτε πόλεις πόλεσι δι' nem amigo diverge de amigo, nem cidades ἀπεχθείας γινόμεναι τὰ ἔσχατα κακὰ δρῶσι tomadas de ódio por outras cidades cometem τε καὶ e sofrem males

439D πάσχουσιν ὑπ' ἀλλήλων, οὐδὲ **439D** extremos umas por causa das outras; περὶ προσφορίας ἔχει τις εἰπεῖν στάσιν nem mesmo pode contar-se sobre a revolta ἐν πόλει γενομένην, ποτέρως Τελχίνας ocorrida na pólis pela alteração do som de ἀναγνωστέον, οὐδ' ἐν οἰκίᾳ διαφορὰν uma vogal, “Telquinas” deve ser lida dos ἀνδρὸς καὶ γυναικὸς ὑπὲρ κρόκης ἢ dois modos¹⁴, nem que em uma casa tenha στήμονος· ἀλλ' ὅμως οὗτ' ἀν ίστὸν οὔτε havido divergência entre marido e esposa

13 Plutarco repete esse exemplo em outro tratado: “Todavia, não é por causa da dissimetria do pé na lira, como Platão dizia, que cidades divergem de cidades, amigos de amigos, agem e sofrem do modo mais vergonhoso, mas por desafinação às leis e à justiça” (καίτοι οὐ διὰ τὴν τοῦ ποδὸς πρὸς τὴν λύραν ἀμετρίαν, ὡς Πλάτων ἔλεγε, καὶ πόλεις πόλεσι καὶ φίλοι φύλοις διαφερόμενοι τὰ αἰσχυστα δρῶσι τε καὶ πάσχουσιν, ἀλλὰ διὰ τὴν περὶ τὰ νόμιμα καὶ δίκαια πλημμέλειαν.) (*Da falsa modéstia*, 534E). Plutarco retoma um pensamento expresso por Platão, que escreveu o seguinte: “Mas não é por causa da dissimetria no pé da lira que um irmão guerreia contra irmão e cidades contra cidades com desmedida e desarmonia, causam dissensões ao guerrear e atacar umas às outras, fazem e sofrem males extremos” (ἀλλ' οὐ διὰ τὴν τῷ ποδὶ πρὸς τὴν λύραν ἀμετρίαν, καὶ ἀδελφὸς ἀδελφῷ καὶ πόλεις πόλεσιν ἀμέτρως καὶ ἀναρμόστως προσφερόμεναι στασιάζουσι καὶ πολεμοῦντες τὰ ἔσχατα δρῶσιν καὶ πάσχουσιν.) (*Clitófon*, 407c-d).

14 Telquines era o nome dado a um dos povos que habitavam a ilha de Rodes. Plutarco grafia a palavra Τελχίνας (*Telkhinas*) sem acento, na forma do acusativo masculino plural, para destacar as duas formas de sua pronúncia quanto à vogal tônica, que podia ser “telquines” ou “telquínes”.

βιβλίον ἥ λύραν ὁ μὴ μαθὼν μεταχειρίσατο, por um fio de tecido ou por sua urdidura; καίπερ εἰς οὐδὲν μέγα βλαβησόμενος, ἀλλ' mas, no entanto, quem não aprendeu a aídeītai γενέσθαι καταγέλαστος ('ἀμαθήν' manejar um tear, nem um livro ou uma lira, γὰρ Ἡράκλειτός φησι 'κρύπτειν ἄμεινον'), embora isso não lhe cause nenhum grande οἶκον δὲ καὶ γάμον καὶ πολιτείαν καὶ ἀρχὴν dano, pelo menos, porque se envergonha de οἴεται καλῶς μεταχειρίσασθαι μὴ παισὶ ser ridículo (pois "a ignorância" Heráclito¹⁵ μαθὼν ὄρθως συμφέρεσθαι μὴ γυναικὶ afirma que "é melhor esconder"¹⁶); mas pensa μὴ θεράποντι μὴ πολίτῃ μὴ ἀρχομένῳ μὴ que manejará bem a casa, o casamento, a ἀρχοντι; παιδὸς ὄψιοφαγοῦντος ὁ Διογένης política e a magistratura, sem sequer ter τῷ παιδαγωγῷ aprendido corretamente a ser tolerante com κόνδυλον ἔδωκεν, ὄρθως οὐ τοῦ μὴ μα- a esposa, nem com o escravo, nem com seu concidadão, nem com o comandado, nem com o comandante? Diógenes¹⁷ deu um soco em um pedagogo de um menino que comia muito à mesa, e atribuiu corretamente o erro

439E θόντος ἀλλὰ τοῦ μὴ διδάξαντος τὸ 439E não ao aprendiz, mas a quem não lho ἀμάρτημα ποιήσας. εἴτα παροψίδος μὲν ἥ havia ensinado. Então, não é possível usar κύλικος οὐκ ἔστι κοινωνεῖν ἐπιδεξίως, ἂν prato e taça juntos com habilidade, sem μὴ μάθῃ τις εὐθὺς ἐκ παιδῶν ἀρξάμενος, que se tenha aprendido direito, a começar ώς Ἀριστοφάνης, 'μὴ κιγλίζειν μηδ' da infância; como Aristófanes¹⁸, "não rir ὄψιοφαγεῖν μηδ' ἵσχειν τὸ πόδ' ἐπαλλάξ', demais, nem ser guloso, nem manter os pés οἴκου δὲ καὶ πόλεως καὶ γάμου καὶ βίου cruzados"¹⁹, enquanto é possível ter uma

15 Nascido na cidade de Éfeso, situada na Ásia Menor, Heráclito era um filósofo pré-socrático que influenciou diversos pensadores, entre eles Platão.

16 Fr. 95 D-K, também citado em *Da audição*, 43D: "pois logo nem 'a ignorância é melhor esconder', como afirma Heráclito, mas colocá-la à frente de todos e dela cuidar" (τάχα μὲν γὰρ οὐδ' "ἀμαθήν κρύπτειν ἄμεινον," ὃς φησιν Ἡράκλειτος, ἀλλ' εἰς μέσον τιθέναι καὶ θεραπεύειν). Em outro tratado, faz o seguinte uso do fragmento: "Simônides, o poeta, Sósio Senecião, ao ver um estrangeiro, em um banquete, reclinado, em silêncio, não falando nada, disse: 'homem, se não és tolo, fazes uma coisa sábia, mas se és um sábio, uma tola', pois a 'ignorância é melhor', como afirma Heráclito, 'esconder'" (Σιμωνίδης ὁ ποιητής, ὁ Σόσιος Σενεκίων, ἔν την πότῳ ξένον ιδὼν κατακείμενον σιωπῆ καὶ μηδενὶ διαλεγόμενον, 'ὦ ἄνθρωπος' εἴπεν, 'εἰ μὲν ἡλίθιος εἴ, σοφὸν πρᾶγμα ποιεῖς· εἰ δὲ σοφός, ἡλίθιον.' 'ἀμαθήν γὰρ ἄμεινον' ὃς φησιν Ἡράκλειτος 'κρύπτειν'). (*Assuntos de banquete*, 644F).

17 Não sabemos qual Diógenes.

18 Comediógrafo ateniense do século IV a.C., poeta Comédia Antiga.

19 Reprodução deste verso aristofânico: "nem ser guloso, nem rir demais, nem manter dois pés cruzados" (οὐδ' ὄψιοφαγεῖν οὐδὲ κιγλίζειν οὐδ' ἵσχειν τὸ πόδ' ἐπαλλάξ.) (*Nuvens*, 983). A situação pode levar-nos a imaginar uma situação em que as pernas estão cruzadas ou os pés cruzados em forma de xis. Aristófanes conta que: "Na casa do professor de ginástica, os meninos deviam sentar-se com as pernas esticadas para

καὶ ἀρχῆς κοινωνίαν ἀνέγκλητον ἐνδέχεται participação irrepreensível na casa, na cidade, γενέσθαι μὴ μαθόντων ὅντινα χρὴ τρόπον no casamento, no seu modo de vida e na ἀλλήλοις συμφέρεσθαι; Ὁ Αρίστιππος magistratura, mas sem sequer ter aprendido ἐρωτηθεὶς ὑπό τινος ‘πανταχοῦ σὺ ἄρ’ εἰς’ como precisam comportar-se uns com os γελάσας ‘οὐκοῦν’ ἔφη ‘παραπόλλυμι τὸ outros? Quando Aristipo²⁰ foi indagado por ναῦλον, εἴ γε πανταχοῦ εἰμι’. τί οὖν; οὐκ alguém: “ora, tu estás em todos os lugares?”, ὃν εἴποις καὶ αὐτός ‘εἰ μὴ ele sorriu e disse: “então, estou indo à ruína

participação irrepreensível na casa, na cidade, no casamento, no seu modo de vida e na magistratura, mas sem sequer ter aprendido como precisam comportar-se uns com os outros? Quando Aristípo²⁰ foi indagado por alguém: “ora, tu estás em todos os lugares?”, ele sorriu e disse: “então, estou indo à ruína com a passagem de barco²¹ se estou em todos os lugares.” Por quê, então? Tu mesmo não poderias me dizer também “se os

439F γίνονται μαθήσει βελτίονες **439F** homens não se tornam melhores
 ἄνθρωποι, παραπόλυται ὁ μισθὸς com o aprendizado, e que o pagamento dos
 τῶν παιδαγωγῶν'; πρῶτοι γὰρ οὗτοι pedagogos os leva à ruína?" Pois eles são os
 παραλαμβάνοντες ἐκ γάλακτος, ὥσπερ primeiros que os recebem desde a lactâncio;
 αἱ τίτθαι ταῖς χερσὶ τὸ σῶμα πλάττουσιν, tal como as amas de leite moldam seus
 οὕτω τὸ ἡθος ῥύθμιζουσι τοῖς ἔθεσιν εἰς corpos com as mãos²², assim regram seu ca-
 ἕγνος τι πρῶτον ἀρετῆς καθιστάντες. καὶ ὁ ráter com os costumes e colocam neles uma
 Λάκων ἐρωτηθεὶς τί παρέχει παιδαγωγῶν, marca primeira de virtude. E um lacônio,
 'τὰ καλά' ἔφη 'τοῖς παισὶν ἡδέα ποιῶ.' ao ser indagado sobre o que lhe ofereciam
 καίτοι τί διδάσκουσιν οἱ παιδαγωγοί; os pedagogos, ele disse: "Faco coisas belas,

frente, para não mostrar nenhuma indecência aos estranhos” (ἐν παιδοτρίβον δὲ καθίζοντας τὸν μηρὸν ἔδει προβάλλεσθαι τοὺς παῖδας, ὅπως τοῖς ἔξωθεν μηδὲν δεῖξειν ἀπηνέγει) (*Nuvens*, 973-974); do mesmo modo que: “Não mudas teu manto assim da mão esquerda para a direita?” (Οὐ μεταβαλεῖς θοιμάτιον ὃδ’ ἐπιόδεξια;) (*Aves*, 1568).

20 Não dispomos de mais informações sobre essa personagem.

²¹ Em grego *tò naûlōv* (*tò naûlon*) é o nome dado à “passagem de barco”. Foi introduzido no latim como *naulum* e com o mesmo significado, conforme depreendemos deste verso de Juvenal: “é uma loucura, depois de tudo, perder a passagem de barco” (*furor est post omnia perdere naulum*) (*Sátiras*, VII.97), que parece ter sido uma ironia corrente para criticar o valor alto da passagem, usada quando o viajante naufragava, pois perdia seus bens e sua vida.

22 Platão prescreve: “E as [fábulas] que forem escolhidas, persuadiremos as amas e as mães a contar às crianças, e a moldar suas almas com as fábulas muito mais que os seus corpos com as mãos” (τοὺς δ' ἐγκριθέντας πείσομεν τὰς τροφούς τε καὶ μητέρας λέγειν τοῖς παισίν, καὶ πλάττειν τὰς ψυχὰς αὐτῶν τοῖς μόθοις πολὺ μᾶλλον ἢ τὰ σώματα ταῖς γερσίν) (*República*, 377c). Sobre esse costume, Plutarco aconselha: “Tal como é necessário moldar os membros do corpo dos filhos logo no nascimento, para que eles cresçam eretos e aprumados, do mesmo modo, convém regrar os costumes dos filhos desde o início” (ῶσπερ γὰρ τὰ μέλη τοῦ σώματος εὐθὺς ἀπὸ γενέσεως πλάττειν τῶν τέκνων ἀναγκαῖον ἔστιν, ἵνα ταῦτ' ὄρθα καὶ ἀστραβῇ φύηται, τὸν αὐτὸν τρόπον ἐξ ἀρχῆς τὰ τέκνων ἥθη ῥυθμίζειν προσήκει.) (*Da educação das crianças*, 3E). Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015).

κεκυφότας ἐν ταῖς ὁδοῖς περιπατεῖν, ἐνὶ agradáveis às crianças".²³ Contudo, o que

δακτύλῳ os pedagogos ensinam? A andar com suas

cabeças baixas pelos caminhos, a tocar com

um só dedo

440A τοῦ ταρίχους ἄψασθαι, δυσὶ τὸν ἰχθῦν στίτον κρέας, οὕτω καθῆσθαι, τὸν ἰμάτιον οὕτως ἀναλαβεῖν.

440A o peixe salgado, mas com os dois o
peixe fresco, o pão e as carnes, a sentar-se de
tal modo, a trajar o manto de outro modo²⁴.

3

τί οὖν; ὁ λέγων λειχήνος ἰατρικὴν εἶναι καὶ O que então? Quem diz que a arte médica
παρωνυχίας, πλευρίτιδος δὲ καὶ πυρετοῦ é apropriada a erupções cutâneas e unhas,
καὶ φρενίτιδος μὴ εἶναι, τί διαφέρει τοῦ mas não à pleurisia, febre ou inflamação do
λέγοντος ὅτι τῶν μικρῶν καὶ παιδικῶν cérebro? Em que difere de quem diz que a
καθηκόντων εἰσὶ διδασκαλεῖα καὶ λόγοι escola, as leituras e os conselhos são úteis
καὶ ὑποθῆκαι, τῶν δὲ μεγάλων καὶ τελείων para deveres insignificantes e infantis, mas
ἄλογος τριβὴ καὶ περίπτωσίς ἔστιν; ώς γὰρ que, para grandes e importantes, existem a
ὁ λέγων ὅτι δεῖ κώπηην ἐλαύνειν μαθόντα irrationalidade e o acaso? Pois assim como é
κυβερνᾶν δὲ καὶ μὴ μαθόντα γελοιός ἔστιν, ridículo quem afirma que se deve remar antes
οὕτως ὁ μὲν τῶν ἄλλων ἀπολείπων τεχνῶν de aprendê-lo, que se pode pilotar um barco
μάθησιν ἀρετῆς δ' ἀναιρῶν τούναντίον mesmo sem tê-lo aprendido; portanto, quem
ἔσικε τοῖς Σκύθαις ποιεῖν. ἐκεῖνοι μὲν γάρ, admite que as outras artes são adquiridas com
ῶς φησιν, τοὺς οἰκέτας ἐκτυφλοῦσιν ὅπως o aprendizado, mas retira a virtude disso, pa-
παραδῶσιν αὐτοῖς, οὗτος δὲ ταῖς δούλαις rece agir de modo contrário aos citas. Pois os

3

23 De outro modo, Plutarco reproduz essa anedota: "De modo que um pedagogo lacônio não se expressa mal, porque fará a criança sentir prazer com as coisas belas e se envergonhar com as vergonhosas, não há nada melhor que isso nem mais belo fim que mostrar uma educação conveniente a um homem livre" (ώστε μὴ κακῶς εἰπεῖν τὸν Λάκωνα παιδαγωγόν, ὅτι ποιήσει τὸν παῖδα τοῖς καλοῖς ἥδεσθαι καὶ ἄχθεσθαι τοῖς αἰσχροῖς, οὗ μετζὸν οὐδέν ἔστιν οὐδὲ κάλλιον ἀποφῆναι τέλος ἐλευθέρῳ προσηκούντης παιδείας.) (*Da virtude moral*, 452D).

24 Em seu tratado sobre como educar as crianças, Plutarco expressa a preocupação dos antigos com ordenação das mãos na sua alimentação: "Em geral, não é absurdo habituar crianças a receber os alimentos com a mão direita e condená-las, caso estendam a esquerda, e não terem nenhuma preocupação em ouvir palavras exemplares e legítimas?" (τὸ δ' ὄλον πᾶς οὐκ ἄτοπον τῇ μὲν δεξιᾷ συνεθίζειν τὰ παιδία δέχεσθαι τὰς τροφάς, κανεὶς εἰ προτείνειε τὴν ἀριστεράν, ἐπιτιμᾶν, μηδεμίαν δὲ ποιεῖσθαι πρόνοιαν τοῦ λόγων ἐπιδεξίον καὶ νομίμων ἀκούειν;) (*Da educação das crianças*, 3E). Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015). Em outro tratado escreve: "Ensinemos as crianças a calçar sapatos, vestir-se, beber com a mão direita e segurar o pão com a esquerda" (τοὺς δὲ παιδας καὶ ὑποδεῖσθαι καὶ περιβάλλεσθαι διδάσκομεν καὶ τῇ δεξιᾳ λαμβάνειν τοῦ ὄψου τῇ δ' ἀριστερᾳ κρατεῖν τὸν ἄρτον) (*Da sorte*, 99D).

καὶ ὑπηρέτισι τέχναις

citas, como ele afirma²⁵, cegam seus escravos para que não lhes retirem a nata do leite²⁶; mas ele concede razão,

440B ὥσπερ ὅμιμα τὸν λόγον ἐντιθεὶς **440B** como um olho, para as artes subser-tῆς ἀρετῆς ἀφαιρεῖ. καίτοι γ' ὁ στρατηγὸς vientes e auxiliares, enquanto retira a virtude. Ἰφικράτης πρὸς τὸν Χαβρίου Καλλίαν Embora o estratego Ifícrates²⁷, quando per-ἐρωτῶντα καὶ λέγοντα ‘τίς εἰ; τοξότης; gunhou e afirmou a Cálias, filho de Cabrias²⁸: πελταστής; ιππεύς; ὄπλιτης; ‘οὐδείς’ ἔφη “Quem é? Arqueiro? Peltasta? Cavaleiro? ‘τούτων ἀλλὰ τούτοις πᾶσιν ὁ ἐπιτάττων.” Hoplita?” Ele disse: “Nenhum desses, mas γελοιοῖς οὖν ὁ λέγων, ὅτι τοξικὴ καὶ ὄπλιτικὴ quem comanda todos eles”.²⁹ Portanto, ridi-καὶ τὸ σφενδονᾶν καὶ τὸ ιππεύειν διδακτόν culo é quem diz que a arte de usar o arco, ou

25 Referência a Heródoto, historiador, nascido em Halicarnasso, em 420 a.C., e morto em Túrio, em 480 a.C. A ausência de citação direta do nome do autor, como Plutarco faz com os demais neste tratado, pode indicar que o texto herodotiano, ou este episódio em específico, era conhecido por seus alunos, visto que os tratados eram utilizados em suas aulas de Filosofia no sul da Itália e em Roma.

26 Processo que Heródoto narra assim: “E os citas cegam todos os seus escravos por causa do leite que bebem, e o fazem do modo que se segue. Visto que usam canudos, pegam os feitos de ossos, muito semelhantes aos das flautas, e os introduzem na cavidade dos genitais das éguas e sopram com suas bocas, e enquanto uns sopram, outros as ordenham; e contam que eles fazem isso por causa do seguinte: quando as veias da égua recebem o ar, elas ficam cheias e suas tetas jorram o leite. E depois que eles ordenham o leite, eles o vertem em uma vasilha côncava de madeira, e colocam os cegos em volta de cada uma das vasilhas em que batem o leite; e tiraram a parte do leite que fica na superfície, que eles acreditam que é a mais valiosa, e depois tiraram a outra da parte mais baixa” (Τοὺς δὲ δούλους οἱ Σκύθαι πάντας τυφλοῦσι τοῦ γάλακτος εἴνεκεν τοῦ πίνουσι, ποιεῦντες ὡδέ. Ἐπεὰν φυσητῆρας λάβωσι ὀστείνους, αὐλοῖσι προσεμφερεστάτους, τούτους ἐσθέντες ἐξ τῶν θηλέων ἵππων τὰ ἄρθρα φυσῶσι τοῖστ σόμασι, ἄλλοι δὲ ἄλλων φυσώντων ἀμέλγουσι φασὶ δὲ τοῦδε εἴνεκα τοῦτο ποιέειν τὰς φλέβας πίμπλασθαι φυσωμένας τῆς ἵππου καὶ τὸ οὖθαρ κατίεσθαι. Ἐπεὰν δὲ ἀμέλξωσι τὸ γάλα, ἐσχέαντες ἐξ ἔντινα ἀγγεῖα κοῖλα καὶ περιστήσαντες κατὰ τὰ ἀγγεῖα τοὺς τυφλοὺς δονέουσι τὸ γάλα, καὶ τὸ μὲν αὐτοῦ ἐπιστάμενον ἀπαρύσαντες ἡγέονται εἶναι τιμώτερον, τὸ δὲ ὑπιστάμενον ἡσσον τοῦ ἐτέρου.) (*Histórias*, IV.2), tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2019). Os citas retiravam a nata que ficava na parte superior e o queijo que se sedimentava no fundo da vasilha.

27 Estratego ateniense, 419-353 a.C., a quem é atribuída a reforma na infantaria ateniense com a introdução de uma tropa ligeira, os peltastas.

28 Não dispomos de mais informações sobre essas personagens.

29 Com algumas variações, Plutarco cita essas anedotas em dois outros tratados, nos quais registra: “Alguém perguntou a Ifícrates, o estratego, como que o colocando à prova, quem era ele? ‘pois não era hoplita, nem arqueiro, nem peltasta’. E ele lhe disse: ‘quem faz uso deles e comanda a todos eles’” (*Ηρότα τὶς Ἰφικράτην τὸν στρατηγὸν, ὥσπερ ἐξελέγχων, τίς ἐστιν; “οὐτε γάρ ὄπλιτης οὐτε τοξότης οὐτε πελταστής.” κάκεινος “τὸ τούτοις,”* ἔφη, “*πᾶσιν ἐπιτάττων καὶ χρώμενος.*”) (*Da sorte*, 99E) e “E um orador perguntou-lhe na Assembleia: ‘Quem é que tanto te preocupa? Se cavaleiro, ou hoplita, ou arqueiro, ou peltasta?’ Ele disse: ‘Nenhum desses, mas quem sabe comandar a todos eles’” (*Ρήτορος δὲ τίνος ἐπερωτῶντος αὐτὸν ἐν ἐκκλησίᾳ ’τίς ὃν μέγα φρονεῖς; πότερον ιππεύς ἢ ὄπλιτης ἢ τοξότης ἢ πελταστής; ’οὐδείς’ ἔφη ‘τούτων, ἀλλ’ ὁ πᾶσι τούτοις ἐπιστάμενος ἐπιτάττειν.’) (*Ditos de reis e generais*, 187B).*

ἐστι, στρατηγικὴ δὲ καὶ τὸ στρατηγεῖν de lutar com armadura pesada, ou de mani-
ώς ἔτυχε παραγίνεται καὶ οἵς ἔτυχε μὴ pular a funda, ou de montar um cavalo pode
μαθοῦσιν. οὐκοῦν ἔτι γελοιότερος ὁ μόνην ser ensinada, mas que a arte da estratégia e
τὴν φρόνησιν μὴ διδακτήν ἀποφαίνων, ἵς do comando do exército acontece por acaso
ἄνευ τῶν ἄλλων τεχνῶν ὄφελος οὐδὲν οὐδ' e a qualquer um, mesmo sem que as aprenda.
ὄνησίς ἔστιν. εἰ δ' ἡγεμώνων αὕτη καὶ κόσμος Portanto, é ainda mais ridículo quem pro-
οὖσα πασῶν καὶ τάξις εἰς τὸ χρήσιμον ἔκα- põe que somente a prudência não pode ser
ensinada, sem a qual não há utilidade nem
proveito nas demais artes. Mas se ela é guia
e ornato de todas e estabelece ordem para

440C στον καθίστησιν, *** αὐτίκα τίς
δείπνουν χάρις, ἡσιημένων καὶ μεμαθηκότων
παιδῶν

‘δαιτρεῦσαι καὶ ὀπτῆσαι καὶ οινοχοῆσαι,
εἰ μὴ διάθεσις μηδὲ τάξις εἴη περὶ τοὺς
διακονοῦντας; ***

440C o que é útil a cada um, ***³⁰ por exemplo, que alegria pode-se ter em um banquete,
ainda que os escravos estejam bem treinados
e tenham aprendido

a cortar a carne, assar bem e servir o
vinho,³¹
se não houver disposição nem ordem nos
servidores? ***³²

Referências bibliográficas

- ARISTOPHANE. *Les nuées*. Tome I. Texte établi par Vistor Coulon et traduit par Hilaire van Daele. Paris: Les Belles Letres, 1972, p. 142-230.
- ARISTOPHANE. *Les oiseuax*. Tome III. Texte établi par Vistor Coulon et traduit par Hilaire van Daele. Paris: Les Belles Letres, 1950. p. 23-108.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1968.
- FRAZIER, F. Les miroitements d'une image dans l'œuvre de Plutarque. In: ROSKAM, F.; VAN DER STOCKT, L. (Eds.). *Virtues for the People: Aspects of Plutarchan Ethics*. Leuven, Bélgica: Leuven University Press, 2011. p. 296-326.
- HERÓDOTO. *Histórias. Livro IV – Melpômene*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2019.

30 Lacuna no manuscrito.

31 Homero, *Odisseia*, XV.323.

32 Há discussão se o tratado encerra sua argumentação ou se ocorreu uma lacuna.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e notas de Christian Werner. Apresentação Richard P. Martin. São Paulo: Cosac & Naif, 2014.

JONES, Christopher P. Towards a Chronology of Plutarch's Works. *The Journal of Roman Studies*, v. 56, partes 1 e 2, p. 61-74, 1966.

JUVENAL. *Satires*. Editado e traduzido por Susanna Morton Braund. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

OPSOMER, J. Virtue, Fortune, and Happiness in Theory and Practice. In: ROSKAM, G.; VAN DER STOCKT, L. (Eds.). *Virtues for the People: Aspects of Plutarchan Ethics*. Leuven, Bélgica: Leuven University Press, 2011. p. 151-173.

PLATÁO. *Laches*. *Protagoras*. *Meno*. *Euthydemus*. Traduzido por Walter R. M. Lamb. Cambridge, Massachusetts; London: Harvard University Press, 1967.

PLATÁO. *Timaeus*, *Critis*, *Cleitophon*, *Menexenus*, *Epistles*. Traduzido por R. G. Bury. Cambridge, Massachusetts; London: Harvard University Press, 1929.

PLUTARCHI. An virtus doceri possit. In: *Moralia*. Ed. Max Pohlenz. Vol. 3. Teubner: Leipzig, 1972, p. 123-127.

PLUTARCO. *Como distinguir o bajulador do amigo*. Introdução, tradução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2016.

PLUTARCO. *Da educação das crianças*. Introdução, tradução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

ROSKAM, G. Ambition and Love of Fame in Plutarch's Lives of Agis, Cleomenes, and The Gracchi. *Classical Philology*, v. 106, n. 3, p. 208-225, jul. 2011.

RUSSELL, D. A. On Reading Plutarch's 'Moralia'. *Greece & Rome*, Oct., v. 15, n. 2, p. 130-146, out. 1968.

XENOPHONTOS, A. Περὶ ἀγαθοῦ στρατηγοῦ: Plutarch's Fabius Maximus and the ethics of generalship. *Hermes*, H. 2, p. 160-183, 2012.